

Sumário

Prefácio	
<i>Para cristãos e não cristãos</i>	7
1 Minha busca por uma paixão única pela qual viver.....	9
2 Descobrimento – a beleza de Cristo, minha alegria.....	19
3 Gloriar-se somente na cruz, o centro flamejante da glória de Deus.....	33
4 Magnificar a Cristo por meio de dor e morte.....	45
5 O risco é certo – é melhor perder a vida do que jogá-la fora	57
6 O alvo da vida – alegremente fazer outros alegres em Deus.....	73
7 Viver para provar que ele é mais precioso do que a vida.....	79
8 Não desperdice sua vida das 8 às 5	99
9 A majestade de Cristo em missões e misericórdia – um apelo para esta geração.....	117
10 Minha oração – que ninguém diga, no final, “Joguei a minha vida fora”	139

Prefácio

Para cristãos e não cristãos

A Bíblia diz: “Não sois de vós mesmos, porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1Co 6.19-20). Eu escrevi este livro para ajudá-lo a sentir o gosto destas palavras como sendo doces em vez de amargas ou monótonas.

Você está em um de dois grupos: ou é cristão ou Deus o chama agora para ser. Você não teria posto a mão neste livro se Deus já não estivesse operando em sua vida.

Se você é cristão, seu dono não é você. Cristo o comprou com o preço de sua própria morte. Você pertence a Deus duplamente: ele o fez e o comprou. Isso significa que sua vida não lhe pertence. É de Deus. Portanto, a Bíblia lhe diz: “Glorificai a Deus no vosso corpo”. Foi para isso que Deus o fez. Foi para isso que Deus o comprou. Esse é o sentido que sua vida tem.

Se você ainda não é um cristão, é isso que Jesus Cristo oferece: pertencer duplamente a Deus e poder fazer aquilo para o qual você foi feito. Talvez isso não lhe pareça empolgante. Glorificar a Deus pode não significar nada para você. É por isso que eu conto minha própria história nos primeiros dois capítulos, que chamo de “Criado para a alegria”. Não estive sempre claro para mim que buscar a glória de Deus seria praticamente igual a buscar a minha própria alegria. Hoje vejo que milhões de pessoas jogam fora suas vidas porque pensam que esses caminhos são dois, e não um.

Um aviso, primeiro. O caminho da alegria de exaltar a Deus custará sua vida. Jesus disse: “Quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á” (Mc 8.35). Em outras palavras, é melhor perder sua vida do que desperdiçá-la. Se você viver alegremente para tornar outros alegres em Deus, sua vida será difícil, você arriscará muito, e sua alegria será abundante. Este livro não é a respeito de como evitar uma vida machucada, mas de como evitar uma vida *desperdiçada*. Alguns de vocês morrerão no serviço de Cristo.

8 Não jogue sua vida fora

Isso não será tragédia. Ter em maior estima a vida do que Cristo é tragédia.

Saiba que eu oro por você, seja você um estudante sonhando algo radical para sua vida ou um aposentado, com esperança de não desperdiçar os anos finais. Se você está querendo saber o que eu oro, leia o capítulo 10. Essa é a minha oração.

Por enquanto, eu agradeço a Deus por você. Minha alegria cresce com cada coração, cada alma que busca a glória de Deus na face de Jesus Cristo. Lembre-se, você tem uma vida. E é só. Você foi feito para Deus. Não jogue fora a sua vida.

31 de março de 2003

John Piper

1

Minha busca por uma paixão única pela qual viver

Meu pai era um evangelista. Na verdade, ele ainda é, embora não viaje mais. Quando eu era menino, houve ocasiões raras em que minha mãe, minha irmã e eu viajávamos com ele e o ouvíamos pregar. Eu tremia ao ouvir meu pai pregar. Apesar do previsível humor na introdução, a coisa toda me atingia como sendo de absoluta sinceridade jurada. Havia certo semicerrar dos olhos e uma tensão nos lábios quando a avalanche de textos bíblicos chegava a um clímax na aplicação.

“Eu desperdicei a vida. Eu a joguei fora”

Ah, como ele fazia o apelo! Crianças, adolescentes, jovens solteiros, jovens casais, os de meia-idade, os idosos – ele pressionava com as advertências e convites atraentes de Cristo o coração de cada pessoa. Ele tinha histórias, tantos casos, para cada faixa etária – casos de conversões gloriosas e de incredulidades terríveis, seguidas de mortes trágicas. Poucas vezes essas histórias vinham sem lágrimas.

Para mim quando menino, uma das ilustrações que meu pai usava que mais me prendia a atenção era a história de um homem convertido na velhice. A igreja havia orado por esse homem durante décadas. Ele era duro e resistente. Mas dessa vez, por alguma razão, ele apareceu quando meu pai estava pregando. No fim do culto, durante um hino, para admiração de todos ele veio e pegou na mão de meu pai. Sentaram-se juntos no banco da frente da igreja enquanto as pessoas eram despedidas. Deus abriu o coração dele ao evangelho de Cristo, e ele foi salvo de seus pecados e foi-lhe dada a vida eterna. Mas isso não o fazia parar de soluçar e dizer, com lágrimas descendo pela face enrugada – e quanto impacto teve em mim ouvir meu pai dizê-lo por meio de suas próprias lágrimas –, “Eu desperdicei a vida! Eu a joguei fora!”

Essa história me impressionou mais do que todas as histórias de jovens que morreram em desastres de automóvel antes de serem convertidos – a história de um idoso chorando que ele havia jogado fora sua vida. Naqueles tenros anos, Deus despertou em mim um medo e uma paixão para não desperdiçar minha vida. A ideia de chegar a minha velhice e dizer entre lágrimas: “Eu desperdicei a vida! Eu a joguei fora!” era um pensamento amedrontador e terrível para mim.

“Somente uma vida, logo passará!”

Outra força que me prendeu em minha vida de garoto – pequenina a princípio, mas, ah, tão poderosa com o passar do tempo – foi um quadrinho que estava pendurado acima da pia de nossa cozinha. Nós nos mudamos para aquela casa quando eu tinha 6 anos. Então, suponho que olhei para as palavras daquela plaqueta quase todos os dias, durante 12 anos, até que fui para a faculdade aos 18. Era um simples pedaço de vidro pintado de preto atrás, com uma corrente de elos cinzas em volta como enfeite e também para pendurar. Na frente, em letras de estilo antigo, pintadas em branco, havia as palavras:

*Only one life,
‘Twill soon be past;
Only what is done
For Christ will last.**

À esquerda, ao lado dessas palavras, estava um morro pintado de verde com duas árvores e um caminho marrom que desaparecia por cima dele. Quantas vezes, como garoto, e depois como adolescente com espinhas, suspiros e ansiedades, olhei aquele caminho marrom (minha vida) e imaginei o que estaria além do morro. A mensagem estava clara. Você ganha uma passagem na vida. É tudo. Uma só. E a medida duradoura dessa vida é Jesus Cristo. Eu tenho 57 anos ao escrever isso, e aquela mesma plaqueta está pendurada hoje na parede ao lado da nossa porta da frente. Eu a vejo cada vez que saio de casa.

O que significaria desperdiçar minha vida? Era uma pergunta abrasadora. Ou, em sentido mais positivo, o que significaria viver bem, mas...? Como completar essa sentença é a pergunta-chave. Eu nem tinha certeza de como colocar em palavras a pergunta, muito menos o que a resposta poderia ser. Qual é o oposto de não jogar fora minha vida? “Ser bem-sucedido numa carreira”? Ou “ser feliz ao máximo”? Ou “realizar algum grande feito”? Ou “encontrar

* Somente uma vida, / logo passará; / só o que é feito / para Cristo durará.

o sentido profundo e o significado da vida”? Ou “ajudar o maior número de pessoas possível”? Ou “servir Cristo ao máximo”? Ou “glorificar a Deus em tudo que faço”? Ou haveria um objetivo, um propósito, um enfoque, uma essência para a vida que preencheria cada um desses sonhos?

“Os anos perdidos”

Eu tinha esquecido de como essa pergunta me pesava até que olhei minhas recordações daqueles anos. Justamente quando eu estava para sair de meu lar na Carolina do Sul, em 1964, para nunca mais voltar como morador, o Colégio de Wade Hampton publicou uma revista literária simples de poemas e histórias. Perto do final, sob o nome de Johnny Piper, estava um poema. Eu vou poupá-lo. Não era um bom poema. Jane, a editora, foi gentil. O que importa agora para mim é o título e os primeiros quatro versos. O nome era “Os anos perdidos”. Ao lado havia um traçado de um senhor numa cadeira de balanço. O poema começava:

*Long I sought for the earth's hidden meaning;
Long as a youth was my search in vain.
Now as I approach my last years waning,
My search I must begin again.**

Ao longo dos 40 anos que me separam daquele poema, ainda escuto o refrão temível: “Eu a desperdicei! Eu a joguei fora”. De alguma maneira, uma paixão pela essência e pelo ponto principal da vida tinha sido despertada em mim. A pergunta ética “se algo é permissível” perdia a cor em comparação à pergunta: “qual é a coisa principal, a coisa essencial?”. A ideia de construir uma vida em torno de uma moralidade mínima ou significância mínima – uma vida definida pela pergunta: “O que é permissível?” – eu sentia quase como repulsiva. Eu não queria uma vida mínima. Não queria viver na periferia da realidade. Queria compreender a coisa principal sobre a vida e persegui-la.

Existencialismo era o ar que respirávamos

A paixão por não perder a *essência* da vida, não desperdiçá-la, intensificou-se na faculdade – nos tumultuosos últimos anos da década de 60. Havia razões fortes para isso, razões que extrapolam muito o tumulto interno de um garoto que chega à maioridade. “Essência” era uma palavra atacada por quase todos os lados. Existencialismo era o ar que respirávamos. E o sentido

* Por longo tempo, procurei o sentido oculto da terra, / Minha busca inútil foi longa como a juventude. / E agora, chegando ao final de minha existência, / preciso começar minha busca outra vez.

do Existencialismo era que “a existência precede a essência”. Isto é, primeiro você existe e depois, existindo, você cria sua essência. Você faz a sua essência escolhendo livremente ser o que você será. Não há essência fora de você para buscar, com o qual agir de acordo. Chame-a de “Deus”, ou “Sentido”, ou “Propósito” – ela não está lá até que você a crie por sua própria existência corajosa. (Se você enrugou a testa e pensar: “Isso está estranhamente parecido com nosso tempo de hoje e o que chamamos de Pós-modernismo”, não se surpreenda. Não há nada de novo debaixo do sol. Só há infinitas reembalagens.)

Eu me lembro de estar sentado na penumbra de um teatro, assistindo ao progênito teatral que o Existencialismo criou, o “teatro do absurdo”. A peça foi *Esperando Godot* de Samuel Beckett. Vladimir e Estragon se encontram sob uma árvore e conversam enquanto esperam por Godot. Ele nunca chega. Perto do fim da peça um menino lhes diz que Godot não virá. Decidem ir embora, mas nunca se mexem. Não vão a parte alguma. A cortina cai, e God[ot] nunca vem.

Era essa a visão que Beckett tinha de pessoas como eu – aguardando, buscando, esperando achar a *Essência* das coisas, em vez de criar minha própria essência com minha existência livre e desenfreada. Nenhum lugar – é lá que você vai, ele dá a entender, se você buscar algum Ponto, ou Propósito, ou Enfoque, ou Essência transcendente.

“O homem de nenhum-lugar”

Os Beatles lançaram seu álbum *Rubber Soul* [Alma de borracha] em dezembro de 1965 e cantaram em bom som seu existencialismo com força irresistível para a minha geração. Talvez isso tenha ficado mais claro na música de John Lennon: “Nowhere Man” [O homem de nenhum-lugar].

*He's a real nowhere man
Sitting in his nowhere land
Making all his nowhere plans
For nobody.
Doesn't have a point of view
Knows not where he's going to.
Isn't he a bit like you and me?**

Aqueles foram dias impetuosos, especialmente para os universitários. E, graças sejam dadas, Deus não ficou silencioso. Nem todo mundo cedeu à isca

* Ele é um verdadeiro homem de nenhum-lugar / sentado em sua terra de nenhum-lugar / fazendo todos os seus planos de nenhum-lugar / para ninguém. / Ele não tem um ponto de vista, / não sabe aonde está indo. / Será que ele não é um pouco igual a você e a mim?

do absurdo e à sedução do vazio heroico. Nem todos cederam à convocação de Albert Camus e Jean-Paul Sartre. Mesmo vozes sem raízes na Verdade reconheceram que deve haver algo mais – algo fora de nós mesmos, algo maior e mais importante e pelo qual vale mais a pena viver do que por aquilo que nós vimos no espelho.

A resposta estava soprando no vento

Bob Dylan estava arranhando cantos com mensagens oblíquas de esperança que alcançaram sucesso precisamente porque davam a entender uma Realidade que não nos deixaria esperando para sempre. As coisas mudariam. Mais cedo ou mais tarde, o lento seria rápido e o primeiro seria último. E não seria porque nós éramos mestres existenciais de nosso destino absurdo. Viria a nós. É isso que todos nós sentimos na música “The Times They Are A-Changin’” [Os tempos estão mudando].

*The line it is drawn,
The curse it is cast,
The slow one now
Will later be fast.
As the present now
Will later be past,
The order is
Rapidly fadin’.
And the first one now
Will later be last,
For the times they are a-changin’.**

Deve ter irritado os existencialistas ouvir Dylan, talvez até sem o saber, varrer de vez seu relativismo de vale-tudo com o contraste dual, “A resposta... A resposta” na música de sucesso “Blowin’ in the Wind” [Soprando no vento].

*How many times must a man look up
Before he can see the sky?
Yes, ’n’ how many ears must one man have
Before he can hear people cry?*

* A linha está traçada, / a maldição foi pronunciada, / o que é lento agora / será rápido mais tarde. / Como o presente agora / será mais tarde o passado, / a ordem está / desaparecendo depressa. / E o que é primeiro agora / mais tarde será o último, / porque os tempos estão mudando (Tradução livre do Editor).

*Yes, 'n' how many deaths will it take till he knows
That too many people have died?
The answer, my friend, is blowin' in the wind,
The answer is blowin' in the wind.**

Quantas vezes um homem pode olhar para cima e não ver o céu? Há um céu lá em cima para ser visto. Você pode olhar para cima dez mil vezes e dizer que não o vê. Mas isso não afeta a existência objetiva do céu. Ele está lá. E um dia você o verá. Quantas vezes você precisa olhar para cima antes de vê-lo? Existe uma resposta. A resposta, A resposta, meu amigo, não é sua para inventar ou criar. Será decidida para você. Ela está fora de você. É real, e objetiva, e firme. Um dia você a ouvirá. Você não a cria. Você não a define. Ela vem até você, e mais cedo ou mais tarde você se adapta a ela – ou se curva diante dela.

Foi isso que eu escutei na música de Dylan, e tudo em mim disse: Sim! Existe uma Resposta com R maiúsculo. Deixá-la escapar significaria uma vida desperdiçada. Encontrá-la significaria ter uma Resposta unificadora para todas as minhas perguntas.

O pequeno caminho marrom por cima do morro verde subia em seu percurso sinuoso – ao longo de todos os anos 70 – entre as doces ciladas das loucuras intelectuais. Como parecia corajosa a minha geração quando saía do caminho e punha seu pé na armadilha! Alguns dela ainda reuniam força para gabar: “Eu escolhi o caminho da liberdade. Criei minha própria existência. Soltei-me das velhas leis. Olhe como minha perna está desatrelada!”

O homem de cabelo comprido e calções

Mas Deus graciosamente dispunha marcos de advertência pelo caminho. No outono de 1965, Francis Schaeffer apresentou uma semana de conferências no Wheaton College que em 1968 ele transformou no livro *The God Who Is There*.**1 O título mostra a simplicidade chocante da tese. Deus está lá. Não *aqui dentro*, definido e formatado por meus próprios desejos. Deus está *lá*. Objetivo. Realidade Absoluta. Tudo que para nós parece realidade é dependente de Deus. Existe criação e Criador, nada mais. E criação obtém todo seu sentido e propósito de Deus.

* Quantas vezes um homem terá de olhar para cima / antes de conseguir ver o céu? / Sim, e quantos ouvidos precisará ter / antes de ouvir pessoas chorar? / Sim, e quantas mortes serão necessárias até que ele saiba / que pessoas demais já morreram? / A resposta, meu amigo, está soprando no vento, / a resposta está soprando no vento (Tradução livre do Editor).

** A tradução desse título pode ser “O Deus que está lá” ou “O Deus que existe”. Na primeira edição no Brasil pela Editora Refúgio, o editor Wadislau Gomes deu a esse livro o título *O Deus que intervém*, que a Cultura Cristã manteve ao publicá-lo.